

O Abandono do Monumento: O Caso do Hospital Escola São Francisco de Assis

The Monument's Neglect: The San Francisco Teaching Hospital's Case

Flávia de Azevedo Monteiro¹

Resumo: A valorização de uma edificação como monumento a ser preservado inicia na sua proteção legal. Ao perder o uso a edificação fica abandonada, tendo uma manutenção ineficiente e uma conservação inexistente. O abandono do monumento por muito tempo leva ao desaparecimento das suas características originais. Isso aconteceu com o Hospital Escola São Francisco de Assis, localizado no Rio de Janeiro, que foi analisado nesse artigo. O Hospital tombado em 25 de junho de 1983 apresenta atualmente 60% do prédio abandonado e está em péssimo estado de conservação. O objetivo desse trabalho é entender, através do estudo de caso do Hospital Escola São Francisco de Assis, a desconstrução do conceito de monumento de Alois Riegl, e o que leva uma edificação, reconhecida como Patrimônio a ser abandonada pelo poder público e ser esquecida pela sociedade.

Palavras-chave: Monumento; Hospital Escola São Francisco de Assis; Patrimônio; Preservação.

Abstract: A building's appreciation as a preservation monument happens when the legal protection occurs. After the building loses its use and it become abandoned, it has a poor maintenance and an absent conservation. The monument's neglect for a long period causes the missing of building's original features. In this article was analyzed the neglect of the San Francisco Teaching Hospital, located in Rio de Janeiro. The hospital's building became a cultural heritage in June 25th of 1983, but today it has only 60% of its original's features preserved. This article's purpose is to understand the deconstruction of Alois Riegl monument's concept, by using San Francisco Teaching Hospital's case, and to know how one building that was known as cultural heritage became neglected by the government and forgotten by the society.

Keywords: Monument; San Francisco Teaching Hospital; Heritage; Preservation.

¹ Estudante de Mestrado em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisa temas relacionados ao patrimônio arquitetônico. No momento desenvolve pesquisa relacionada ao Patrimônio Cultural da Saúde, onde estuda a história e a arquitetura dos Hospitais tombados como Patrimônio Nacional localizados no Rio de Janeiro.

1. Introdução

A valorização de uma edificação como monumento a ser preservado inicia-se na sua proteção legal, e leva a crer que a partir de então o estado de conservação da edificação será mantido e esta será conservada. A falta de verbas para reformas e adaptações a novos usos pode levar a perda do uso e o abandono da edificação. Ao perder o uso a edificação perde a sua manutenção e conservação diária, o que com o tempo leva a perda de suas características originais.

A preservação no Brasil é baseada na responsabilidade do poder público, como único provedor de proteção ao bem tombado. Sabe-se que por mais que os bens sejam propriedades privadas, muitos dos responsáveis por eles se declaram incapazes de mantê-los e utilizam de verbas públicas para conservá-los. Por existirem poucas verbas destinadas ao patrimônio e a cultura, grande parte do Patrimônio Brasileiro se encontra em risco de ruína.

O abandono do espaço físico da edificação tombada é muito frequente se forem analisadas as edificações reconhecidas como Patrimônio Arquitetônico da Saúde. As edificações hospitalares apresentam problemas específicos devido a natureza complexa dos procedimentos médicos realizados em seu interior. A constante necessidade de mudanças e avanços médicos leva a saída dos hospitais das antigas edificações, levando o monumento reconhecido e tombado ao abandono. O caso do Hospital Escola São Francisco de Assis se enquadra nesse contexto. Localizado no Rio de Janeiro, o Hospital tombado em 25 de junho de 1983 apresenta atualmente 60% do prédio abandonado e está em péssimo estado de conservação, com vidros e janelas quebradas e paredes depredadas por pichações. Como uma edificação tão importante para a memória da saúde e medicina no Brasil chega ao ponto que esta? Em que ponto o reconhecimento como monumento não foi suficiente para garantir a preservação da mesma?

2. O Reconhecimento como Monumento: Tombamento do Hospital Escola São Francisco de Assis.

A origem do prédio do Hospital Escola São Francisco de Assis remete a necessidade de um lugar adequado para acolher os mendigos e as pessoas sem lar no Rio de Janeiro do século XIX. Estes que ficavam espalhados pelas ruas, praças públicas e adros de igreja, eram considerados uma ameaça a higiene e a ordem do país. Durante esse período, cabia ao Chefe de Polícia decidir o destino dessas pessoas, que quando possuíam condições de trabalhar eram levadas à Casa de Correção. A quantidade de mendigos começou a aumentar e foi necessária a criação de casas específicas para abrigá-los. O primeiro albergue foi criado em 1854 no antigo Matadouro de Santa Luzia e o número de asilados aumentava a cada ano. Em 1875, o prédio se encontrava em estado de calamidade e tornou-se necessário construir um novo asilo. O arquiteto Heitor Rademacker Grünewald foi o idealizador do projeto e buscou fontes em asilos e manicômios europeus².

De posse dessas ideias, Grünewald começa a projetar o prédio para abrigar o asilo, hoje Hospital São Francisco de Assis, que foi o primeiro de caráter monumental a ser construído numa área de mangue – tal fato trouxe grande projeção ao arquiteto. Como partido arquitetônico, Grünewald adotou o radial, que considerava prestar-se melhor para vigiar e separar os sexos e idades — ideia essa logo aceita, sendo autorizada sua construção. Não era uma arquitetura feita para ser vista — como a dos palácios, ou para vigiar o espaço exterior, como o espaço geométrico das fortalezas —, mas para permitir um controle interior articulado e detalhado.

Assim, em agosto de 1876, em presença da Princesa Isabel, foi assentada a pedra fundamental do asilo situado em terreno aforado pela Câmara Municipal à Casa de Correção, mas que era do domínio do Estado, e não do Município. Apesar da dificuldade financeira, foi inaugurado em 10 de julho de 1879, com a presença de D. Pedro II³.

² SOUZA, Mariana Vaz de; RIBEIRO, Rosina Trevisan M. Hospital São Francisco de Assis: Diretrizes de Projeto. *Anais do XI Congresso da ABRACOR*, Rio de Janeiro, RJ. 2002. P. 130-131

³ SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P. 131.

A edificação foi inaugurada como Asilo da Mendicidade. O asilo foi construído para abrigar idosos, inválidos, pobres sem proteção familiar, homens e mulheres. O Asilo ainda era responsável por abrigar os menores de 14 anos, abandonados e ociosos; os indigentes, e os alienados que não podiam ser recebidos no Hospício de Pedro II, que se encontrava superlotado e com graves dificuldades financeiras. A instituição também recebia os indesejados de outras instituições⁴.

A denominação Asilo da Mendicidade era humilhante para os internos e por isso o nome Asilo de São Francisco de Assis foi adotado⁵. A edificação abrigou o asilo até a década de 1920, quando o abrigo foi transformado no Hospital Geral de Assistência ou Hospital Geral São Francisco de Assis. Ele foi inaugurado em 7 de novembro de 1922, após grandes obras de reformas e adaptações. O Hospital era gerido pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, sob direção de Carlos Chagas, e era mantido pelo poder público durante a Primeira República.

O Hospital São Francisco de Assis foi considerado um “divisor de águas” entre uma medicina sem infraestrutura adequada, com sistemática científica, e uma medicina verdadeiramente moderna. Isso também se deve à visão e ao esforço de Carlos Chagas voltado para a estrutura hospitalar⁶.

Na década de 1920 o Hospital São Francisco de Assis prestava assistência médica e cirúrgica aos indigentes e tinha seu espaço composto por seis enfermarias de clínica médica, sete enfermarias de clínica cirúrgica, um instituto anatomopatológico, um laboratório de pesquisas clínicas, um gabinete de radiologia e consultórios⁷ (Ver figuras 1 e 2).

⁴ SILVA JÚNIOR, Osnir Claudiano da. *Inventário: Hospital São Francisco de Assis*. In: PORTO, A. (org.). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, v. 1, mídia digital, 2008. P. 1

⁵ *Ibid.*, P. 1.

⁶ SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P. 132.

⁷ SILVA JÚNIOR, op. cit., P. 1.



FIGURA 1: Hospital Escola São Francisco de Assis em 1938. Fonte: UFRJ (2013)



FIGURA 2: Fachada do Hospital Escola São Francisco de Assis já adaptado para receber o uso hospitalar. Fonte: UFRJ (2013)

Posteriormente os serviços da Faculdade Nacional de Medicina se juntariam aos da Instituição, que na época possuía bastante prestígio. As clínicas terapêuticas de otorrinolaringologia, pediatria médica e cirúrgica, ortopedia, doenças tropicais e infecciosas, auxiliavam principalmente a população mais pobre, que via a instituição como um local de acolhimento.

O Hospital Geral São Francisco de Assis, implantado em 1922, era, em 1945, um dos grandes hospitais do Rio de Janeiro, já envolvido com a produção e a reprodução do saber médico. Ao atender os indigentes, “os sem carteira assinada”, conforme seu regulamento, voltava-se para os contingentes não incluídos no sistema previdenciário. A falta de verbas e a superlotação, heranças do antigo asilo, e o mito franciscano somaram elementos para a cunhagem do título popular de “hospital dos pobres”⁸.

Na década de 1940, o hospital foi entregue a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e passou a chamar-se Hospital Escola São Francisco de Assis. Durante esse período, o entorno urbano do hospital sofreu profundas modificações com a abertura da Avenida Presidente Vargas e com a construção de edifícios modernos na Cidade Nova⁹. (Ver figura 3).

⁸ SILVA JÚNIOR, op. cit., P. 1-2.

⁹ SILVA JÚNIOR, op. cit., P. 2.

Na década de 1960, as reformas no ensino superior incentivaram a construção e ampliação da UFRJ na Ilha do Fundão e levaram também a necessidade de um novo hospital universitário. Com a inauguração do novo hospital em 1978, foi determinada a desativação do Hospital Escola São Francisco de Assis. Com a desativação o conjunto edificado do Asilo São Francisco ficou abandonado e por isso, diversas vezes, foi sugerida a sua demolição. Por ser um lugar muito representativo para a memória, o abandono da edificação gerou campanhas para o seu tombamento.

Ameaças de venda do conjunto, demolição e prejuízos à estrutura pelas obras do metrô desencadearam uma campanha pelo tombamento e preservação do Hospital dos Pobres, divulgada pelo jornal Última Hora desde 1977¹⁰.

O Hospital encontrava-se desativado e o abandono estava levando a deterioração da edificação. A campanha iniciada pelo Jornal Última Hora em 1977 resultou no tombamento em nível federal da edificação pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) anos depois. A edificação foi tombada e registrada no livro de Tombo de Belas Artes em 23 de junho de 1983 e registrada no livro Histórico em 25 de junho do mesmo ano. Porém, mesmo com o tombamento e o reconhecimento como Patrimônio e Monumento, ainda havia ameaças de alienação. Segundo Silva Júnior¹¹ a Universidade Federal do Rio de Janeiro foi denunciada em 1984 pela imprensa por ameaçar o patrimônio tombado. Dessa forma organizações ocuparam irregularmente o prédio, o que resultou em uma ação de reintegração de posse da universidade em 1987. Porém os anos de abandono e má conservação levaram a deterioração de todo o conjunto.

A edificação só voltou a ser ocupada em fevereiro de 1988, em razão do estado de calamidade pública por qual passou a cidade do Rio de Janeiro. As fortes chuvas e o desabamento da Clínica Santa Genoveva, em Santa Teresa, desalojaram um grupo de

¹⁰ SILVA JÚNIOR, op. cit., P. 2.

¹¹ SILVA JÚNIOR, op. cit., P. 2.

doentes idosos que foram levados ao prédio do Hospital Escola São Francisco de Assis. Esse fato incentivou a reativação do hospital sob direção da Escola de Enfermagem Anna Nery¹². Desde então, o Hospital Escola São Francisco de Assis constitui-se na oitava unidade hospitalar da UFRJ dirigida por professores da Escola de Enfermagem, integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS), com atividades de ensino, pesquisa e extensão principalmente do Centro de Ciências da Saúde e outras unidades acadêmicas.



FIGURA 3: Hospital Escola São Francisco de Assis em 1959, como palco de manifestações e parte da vida cotidiana dos cidadãos do Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo UFRJ (2013).

A reativação do hospital foi executada de forma apressada e sem planejamento, e segundo Souza e Ribeiro¹³, foi responsável pela desfiguração de seu espaço físico. Apesar do uso que o hospital apresenta atualmente, apenas 40% do conjunto está ocupado. O conjunto é um retrato do descaso e do abandono que o edifício sofreu ao longo dos anos.

O tombamento do prédio do Hospital Escola São Francisco de Assis e o seu reconhecimento como monumento deveria ser suficiente para garantir o investimento na preservação de seu conjunto arquitetônico. Pois através desse reconhecimento como

¹² SILVA JÚNIOR, op. cit., P. 2.

¹³ SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P.132.

obra de arte e monumento que o Patrimônio Cultural se estabelece como digno de preservação e restauração. Esse valor pode ser de diversas naturezas: histórico, estético ou artístico, memorial, simbólico, antropológico, entre outros¹⁴.

O edifício do Hospital Escola São Francisco de Assis foi reconhecido como Patrimônio e foi inscrito em dois livros de Tombo, o de Belas Artes e o Histórico. Isso comprova que o conjunto da edificação teve seu valor histórico e artístico reconhecido. Segundo Riegl¹⁵, todo monumento artístico, sem exceção, é ao mesmo tempo um monumento histórico, pois representa um determinado estado da evolução das artes plásticas, assim como todo monumento histórico é também um monumento artístico, pois contém uma série de elementos artísticos característicos de uma época.

O Conjunto do Hospital, apesar de ter o seu valor reconhecido, não recebeu investimentos para restauração por décadas, o que levou a degradação da sua estrutura. O abandono e a falta de uso em grandes partes do conjunto levaram a sensação de que o hospital foi esquecido pelo poder público e pela UFRJ, proprietária do imóvel. Atualmente a edificação encontra-se em péssimo estado de conservação e depois de diversas tentativas de restauração, existe a previsão que em 2013 começarão as obras que possivelmente devolverão as características originais de todo o conjunto edificado.

3. O Estado Atual do Hospital Escola São Francisco de Assis: O Abandono e As Propostas de Restauração.

O monumento é somente um substrato concreto inevitável para produzir em quem o contempla aquela impressão psíquica que causa no homem moderno a ideia do ciclo natural de nascimento e morte, do surgimento do indivíduo a partir do geral e de seu desaparecimento gradual e necessariamente natural no geral¹⁶.

¹⁴ CUNHA, Claudia dos Reis e. *Restauração: diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN*. 2010. 171 p. Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP, São Paulo, SP, 2010. P. 17

¹⁵ RIEGL, A. *Der moderne Denkmalkultus*, Viena, 1903, tradução espanhola de Tomás Bretón *El Culto Moderno a los Monumentos*, Madri, 1987. P. 25.

¹⁶ RIEGL, op. cit., P. 39.

O prédio do Hospital Escola São Francisco de Assis foi tombado e reconhecido como monumento em 1983, porém nunca obteve investimentos necessários para salvaguardar as suas características estéticas e históricas. O conjunto, em estilo Neoclássico, é imponente e se destaca na Av. Presidente Vargas. A arquitetura do conjunto não é comum, principalmente em termos de implantação, pois apresenta uma disposição radial dos prédios, voltada para a observação do interior¹⁷. Essa observação favorecia o controle dos internos (ver figura 4 e 5).

A edificação possui a horizontalidade comum do Neoclassicismo e na composição na fachada pode ser observado “que o corpo central é destacado do restante do edifício, suas janelas são ritmicamente distribuídas e que as colunas entre elas acentuam esse ritmo e resgatam as características clássicas das ordens gregas e romanas”¹⁸. O estilo Neoclássico predominou no Rio de Janeiro durante o século XIX, sendo sinônimo de status e modernidade. A atribuição desse estilo ao prédio pelo arquiteto Rademacker Grünewalb se deu pelos avanços na área da medicina, como símbolo de modernidade e avanço, que no fim do século XIX chegava ao Brasil.



FIGURA 4: Localização da edificação na Av. Presidente Vargas. Fonte: UFRJ (2013)



FIGURA 5: Vista aérea do conjunto, onde é possível observar o formato radial da implantação. Fonte: UFRJ (2013)

¹⁷ SOUZA, Mariana Vaz de; RIBEIRO, Rosina Trevisan M. Hospital São Francisco de Assis: Diretrizes de Projeto. *Anais do XI Congresso da ABRACOR*, Rio de Janeiro, RJ. 2002. P. 131. SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P.131.

¹⁸ SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P.131.

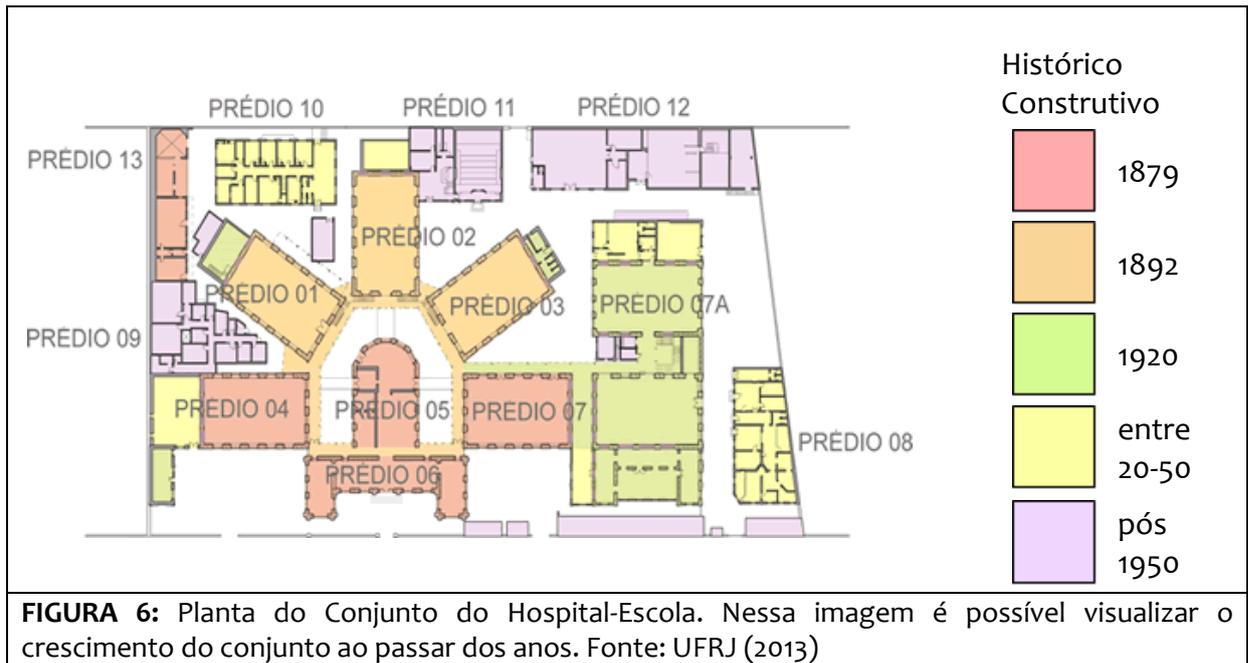
A edificação do Hospital passou por várias modificações ao longo dos anos, o projeto original do asilo, construído em 1879, recebeu anexos e ampliou o seu espaço. As primeiras modificações entre 1879 e 1920 não afetaram grande parte da volumetria do prédio, foram construídos seguindo as características pré-existentes e dando a edificação os espaços necessários para abrigar o Hospital São Francisco de Assis (ver figura 6).

Apesar do conjunto tombado apresentar muitos anexos, relativamente novos, todo ele se apresenta em péssimo estado de conservação. Em entrevista a Affonso¹⁹, Sônia Rabello, vereadora do Rio de Janeiro, relata que os prédios do Hospital Escola São Francisco de Assis ficaram abandonados por anos, e que as obras começavam e depois eram paralisadas. Para ela existe uma completa falta de interesse dos órgãos competentes em cuidar do patrimônio histórico, principalmente a proprietária do imóvel, a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No terreno e áreas adjacentes à edificação foram construídos muitos anexos e elementos de qualidade arquitetônica bastante discutível.

O estado atual da edificação é de visível abandono, apesar de manter as suas funções de local de tratamento da saúde. No conjunto edificado do Hospital há uma parceria entre a Escola de Enfermagem Anna Nery e outras unidades da UFRJ, o que marca o perfil docente-assistencial. Durante dez anos, desde a reativação do hospital em 1988 até 1998, houve a internação de pacientes. Após 1998 as atividades hospitalares foram concentradas nas ações de atenção primária e secundária de saúde e nos projetos especiais vinculados aos docentes da Enfermagem e da Medicina, ali localizados. Atualmente são realizadas atividades ambulatoriais de atenção básica da saúde e cuidados básicos, programa de atendimento a pacientes com HIV/AIDS, programa de atenção a pacientes com problemas de álcool e outras drogas e programa de assistência ao paciente idoso, entre outras atividades atenção primária.

¹⁹ AFFONSO, Julia. Tombados como Patrimônio Nacional, imóveis históricos do Rio sofrem com degradação e abandono. *UOL Notícias*. Rio de Janeiro, 17 dez. 2012. Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/17/tombados-como-patrimonio-nacional-imoveis-historicos-do-rio-sofrem-com-degradacao-e-abandono.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2013. P. 2.



Atualmente o Hospital Escola São Francisco de Assis só tem 40% do seu conjunto ocupado e com uso regular. O restante da edificação encontra-se com assoalho danificado, forros faltantes, telhados em ruínas e a presença e infestação de pragas urbanas.

Seu espaço arquitetônico e valor artístico, baseados na concepção do seu projeto original, deram lugar a pombais, abrigos de ratos, [...] e algumas outras patologias que suprimiram e até mesmo invalidaram a recuperação de parte de sua originalidade²⁰.

A edificação apresenta muitas patologias, com algumas partes em estado próximo a ruína. Muitas das esquadrias da fachada estão quebradas e com vidros faltantes. A fachada apresenta muitas pichações e a umidade causou a queda do reboco em vários pontos. Algumas partes do coroamento da platibanda estão comprometidas e há vegetação na fachada e no telhado, devido a umidade e falta de manutenção. No interior há problemas no assoalho e nos forros. A pintura das paredes se apresenta manchada,

²⁰ SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P.132.

com manifestação de mofo. Para o observador que passa pela Av. Presidente Vargas o Hospital aparenta completo abandono, não se acredita que possa ainda haver uso na edificação (ver figuras 7 a 10).

Segundo Affonso²¹ algumas áreas do conjunto estão desativadas, isso ocorreu porque o hospital não passa por obras há 40 anos. A diretora-geral do hospital, Maria Catarina da Mota, afirma que em 2013 começará uma grande restauração no conjunto arquitetônico e a obra está avaliada em R\$ 25 milhões. A UFRJ afirma que o conjunto já está passando por um processo de restauração, apoiado pela Lei Rouanet. Apesar das diversas tentativas ao longo dos anos, em que as obras foram licitadas, mas não executadas, espera-se que a obra que irá começar em 2013 seja capaz de restabelecer as características originais do conjunto.



FIGURA 7: Estado de conservação atual da fachada principal do Hospital. Fonte: Marco Antônio Cavalcanti/UOL (2013)



FIGURA 8: Fotos do estado atual do inteiro da edificação, é possível notar o total estado de abandono. Fonte: Marco Antônio Cavalcanti/UOL (2013)



FIGURA 9: Foto mostra as esquadrias e os vidros danificados, entre outras patologias. Fonte: Marco Antônio Cavalcanti/UOL (2013)



FIGURA 10: Nessa imagem é possível observar que partes da edificação já estão em ruínas. Fonte: Marco Antônio Cavalcanti/UOL (2013)

²¹ AFFONSO, op. cit., P. 3.

4. Discussões sobre a subutilização do Patrimônio Arquitetônico da Saúde.

O abandono de um bem tombado como patrimônio histórico-artístico é uma situação controversa. Não se espera que uma edificação reconhecida como parte da formação da identidade de uma nação sucumba aos danos causados pelas ações do tempo. O Patrimônio brasileiro atualmente corre muitos riscos por falta de investimento, existem poucos recursos destinados a cultura e a preservação dos monumentos. Essa situação não é nova e já perdura por anos, onde os poucos recursos são destinados para os bens considerados mais relevantes serem restaurados, enquanto outros se desgastam esperando na fila da restauração. A restauração preventiva, definida por Brandi (2004) como a vigilância conservativa e salvaguarda do *status quo* da obra de arte, não é aplicada nos monumentos e muitos ficam fechados por anos até que a restauração de urgência seja aplicada. Segundo Brandi²² a restauração preventiva visa evitar a restauração de urgência, pois nessa última dificilmente será possível salvar todos os aspectos importantes e que compõe a identidade do monumento.

A restauração preventiva é mais eficiente quando o monumento mantém o seu uso através dos anos. No caso do Hospital São Francisco de Assis, o conjunto da edificação foi tombado já em situação de risco, quando se apresentava sem uso e abandonado pela UFRJ. A edificação foi degradada aos poucos pela má administração e pelo abandono, o que gerou o estado de conservação que se encontra. Apesar de ter sido ocupada posteriormente para abrigar os serviços primários de saúde, nenhuma reforma foi feita no conjunto como um todo. Muitas partes do conjunto foram abandonadas por não se adequarem ao uso médico atual, e essas partes são as que mais correm riscos de ruir.

A reutilização do bem é o meio mais eficaz de para garantir a sua preservação, pois um monumento sem uso se deteriora rapidamente enquanto aquele mantido em funcionamento pode durar séculos²³.

²² BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004. P. 102.

²³ KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: Reflexões sobre a sua preservação*. São Paulo: Ateliê Editorial. FAPESP. Secretaria da Cultura, 1998.

O Brasil possui um forte arcabouço legal que deveria proteger os monumentos importantes para a memória e identidade nacional. O artigo primeiro do Decreto-Lei nº25 de 30 de novembro de 1937 define o conceito de patrimônio histórico e artístico nacional, que é o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Esse interesse público deveria ser capaz de incentivar a preservação da edificação inscrita no livro de tombamento, tanto no caso de edificações privadas quanto públicas. Porém, os poucos investimentos na área da cultura e da preservação dos monumentos, leva a criação de um Patrimônio em ruínas e em bens culturais de propriedade pública abandonados. O Hospital Escola São Francisco de Assis é um exemplo do descaso do poder público, o conjunto pertence a uma Universidade Federal, mas mesmo assim está em péssimo estado de conservação. O conjunto é uma propriedade da federação, que foi reconhecido como patrimônio pela instância federal de proteção, mas mesmo assim não recebeu investimentos para a sua restauração preventiva durante anos.

A edificação apesar do uso recebido, em 1988, que resgatou a sua identidade de patrimônio cultural da saúde, não passou por restauração na época ou por nenhuma grande reforma. O estado de abandono é visível nas suas fachadas deterioradas, nas esquadrias e nos vidros quebrados. Antes de seu tombamento, o Hospital já era reconhecido como uma importante instituição de saúde, representativa para a cidade do Rio de Janeiro, mas mesmo assim ela foi sendo abandonada com o tempo. O reconhecimento do valor do conjunto foi reafirmado com o tombamento do mesmo, porém apesar da atribuição do conceito de monumento ao hospital, nenhum investimento foi feito para garantir que suas características arquitetônicas fossem restauradas.

A construção do conceito de monumento do Hospital Escola São Francisco de Assis não garantiu investimentos para a sua preservação efetiva, apesar de ser reconhecido como importante e digno da mesma. Com o passar dos anos, o abandono foi desconstruindo o monumento, apagando-o da memória da sociedade e levando-o a ruína. Os projetos de restauro foram aprovados e cancelados ao longo dos anos, o que aumentou a descrença na salvação dessa edificação, que para alguns deveria ser desprotegida e demolida para dar lugar a uma edificação nova, mais barata e mais moderna. Atualmente um projeto de restauro audacioso busca reconstruir essa memória e devolver ao conjunto do hospital o valor de Patrimônio Cultural que ele possui, sendo finalmente reconhecido como um monumento digno de investimentos e restauração.

Garantida a memória cultural e arquitetônica do bem, também assume grande importância a manutenção do uso para garantir que o que for restaurado se perpetue e ganhe caráter conservativo exatamente por meio deste²⁴.

A restauração atual que começará em 2013 poderá devolver o valor de monumento digno de preservação ao Hospital Escola São Francisco de Assis, e garantirá a memória cultural e arquitetônica do bem. Com essa restauração estão surgindo pontos de vistas diferenciados sobre o qual seria o uso futuro da edificação, se ela manteria o uso hospitalar de atenção a saúde básica ou se o uso seria modificado.

O ex-superintendente regional do IPHAN-RJ, Carlos Fernandes, possui um ponto de vista mais conservador em relação ao uso futuro que o hospital deve receber. Em entrevista ao Jornal O Globo em 2011²⁵, Fernandes afirmou que o hospital do século XIX não tem a menor condição de atender as necessidades da medicina do século XXI. Já a UFRJ, proprietária do conjunto propõe que o novo Hospital Escola São Francisco de Assis mantenha o uso hospitalar e componha o Complexo Hospitalar da instituição, buscando atender as demandas acadêmicas e assistenciais no nível primário e secundário do

²⁴ SOUZA; RIBEIRO, op. cit., P.133.

²⁵ Entrevista realizada por Isabel de Araújo em 6 de dezembro de 2011.

cuidado com a saúde, atendendo a população dando Assistência Básica a Saúde (ABS) e através do Programa de Saúde da Família (PSF).

Apesar de opiniões divergentes sobre qual uso a edificação deve obter após a restauração prevista para 2013, é necessário apenas que se estabeleça o uso e que ele seja implantado da melhor maneira possível para evitar a descaracterização do conjunto. Segundo Souza e Ribeiro, é necessária a implantação de um programa compatível com a área que o conjunto original pode disponibilizar, garantindo a “*manutenção do uso dentro de um planejamento racional que assegure ao edifício a recuperação de sua configuração original, sua integridade física e sua dignidade moral*”²⁶. A manutenção do uso do Hospital Escola São Francisco de Assis, seja ele hospitalar ou não, é a melhor forma de garantir que a edificação seja periodicamente conservada e com isso é possível que ela perpetue na memória coletiva e se mantenha como monumento à saúde e à medicina.

A preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro se iniciou no final da década de 1930 para garantir que os bens culturais formadores da memória e da identidade permanecessem presentes através da figura do tombamento. Porém apenas a criação das leis de proteção não foi suficiente para garantir a preservação das características originais dos bens culturais. A falta de investimentos em reformas e restauração levou a criação de conjuntos edificados degradados e abandonados pelos seus antigos usuários. A degradação do Patrimônio Cultural da Saúde foi ainda maior, devido ao avanço da medicina e a falta de mutabilidade de certas edificações.

O Hospital Escola São Francisco de Assis é um grande exemplo de abandono do Patrimônio Cultural. Reconhecido como monumento digno de preservação em 1983 o primeiro plano de restauração efetivo foi aprovado apenas para trinta anos depois, em 2013, quando espera-se que suas características originais sejam resgatadas. O estado atual do conjunto é sofrível, nota-se um verdadeiro descaso das autoridades e dos proprietários. Apesar de aparentar estar completamente abandonado e sem uso, o hospital ainda apresenta funções relacionadas a prevenção e atendimento à saúde, como

²⁶ SOUZA, Mariana Vaz de; RIBEIRO, Rosina Trevisan M. Hospital São Francisco de Assis: Diretrizes de Projeto. *Anais do XI Congresso da ABRACOR*, Rio de Janeiro, RJ. 2002. P. 134.

atenção básica e programa de saúde da família. A sensação de ser tratado em um hospital com as condições físicas atuais é péssima para os pacientes, mesmo que sejam atendimentos rápidos e ambulatoriais. O sentimento de abandono não é apenas com o patrimônio, mas também com a saúde e com o atendimento das pessoas mais pobres.

Por ser um hospital de extrema importância para o Patrimônio Cultural da Saúde ele deve ser preservado e suas características originais devem ser resgatas e conservadas. Espera-se que a restauração programada para 2013 seja capaz de devolver o *status* de monumento ao conjunto. Acredita-se que o Hospital Escola São Francisco de Assis é capaz de manter o uso hospitalar, prestando serviços de atendimento básico a saúde. Com isso, serão necessários apenas equipamentos que podem se adequar as instalações já existentes na edificação.

Dessa forma, a restauração Hospital Escola São Francisco de Assis devolverá ao conjunto a sua condição de monumento e será possível incentivar a preservação de várias outras edificações reconhecidas como Patrimônio Cultural da Saúde. O reconhecimento como patrimônio deve ser o grande incentivador da restauração preventiva e manutenção constante da edificação. Essa manutenção e conservação têm que ser feita tanto em bens que já foram restaurados de forma a retardar futuras reformas, quanto em bens que ainda esperam a restauração, de forma a evitar ainda mais a perda das características originais. A restauração preventiva é a grande conservadora do *status quo* de uma edificação, assim como a conservação e manutenção do uso. Sabe-se que o estado de conservação atual do Hospital Escola São Francisco de Assis seria muito melhor se ele não tivesse sido abandonado por muitos anos e se a conservação tivesse sido feita de maneira eficiente. Embora seu estado péssimo de conservação, o Conjunto ainda se apresenta como referência do tratamento à saúde dos pobres do fim do século XIX e do início do século XX, sendo digno de investimentos para que ele permaneça vivo na memória coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, Julia. Tombados como Patrimônio Nacional, imóveis históricos do Rio sofrem com degradação e abandono. UOL Notícias. Rio de Janeiro, 17 dez. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/17/tombados-como-patrimonio-nacional-imoveis-historicos-do-rio-sofrem-com-degradacao-e-abandono.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

ARAÚJO, Isabel de. Hospital da UFRJ no Centro é Retrato de Abandono. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 6 dez. 2011. Disponível em: <oglobo.globo.com/rio/hospital-da-ufrj-no-centro-o-retrato-do-abandono-3388852> Acesso em: 23 jan. 2013.

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

CUNHA, Claudia dos Reis e. Restauração: diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN. 2010. 171 p. Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP, São Paulo, SP, 2010.

Hospital-Escola São Francisco de Assis - HESFA / UFRJ – Breve Histórico. Desenvolvido pela UFRJ. Apresenta breve histórico da instituição. Disponível em: <http://www.hesfa.ufrj.br/breve_historico/historico.html>. Acesso em: 29 jan. 2013.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: Reflexões sobre a sua preservação. São Paulo: Ateliê Editorial. FAPESP. Secretaria da Cultura, 1998.

RIEGL, A. Der moderne Denkmalkultus, Viena, 1903, tradução espanhola de Tomás Bretón El Culto Moderno a los Monumentos, Madri, 1987.

SILVA JÚNIOR, Osnir Claudiano da. Inventário: Hospital São Francisco de Assis. In: PORTO, A. (org.). História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, v. 1, mídia digital, 2008.

SOUZA, Mariana Vaz de; RIBEIRO, Rosina Trevisan M. Hospital São Francisco de Assis: Diretrizes de Projeto. Anais do XI Congresso da ABRACOR, Rio de Janeiro, RJ. p. 130-134. 2002.